



75 anos bem vividos e bem celebrados



PAULO HEBMÜLLER

Escolhida para receber a homenagem simbolizando todos os docentes da Universidade, a professora Berta Lange de Morretes, do Instituto de Biociências (IB) da USP, foi conduzida numa cadeira de rodas ao centro do palco do Auditório Simon Bolívar do Memorial da América Latina. Do alto de seus 91 anos de idade, 71 deles vividos na USP, Berta fez questão de deixar registrado seu agradecimento comovido. “O essencial é dar um retorno à Universidade por tudo aquilo que ela nos proporcionou, e é isso o que eu pretendo fazer até os meus últimos dias. Muito obrigada, Universidade de São Paulo”, disse a professora, que continua ativa na graduação e na pós-graduação do IB. Foi demoradamente aplaudida de pé pelas quase oitocentas pessoas que participavam da cerimônia (leia mais no quadro).



Osusp e coral apresentam o “Hino à USP”. Ao lado, Gilberto Kassab, Paulo Bomfim, José Serra e Júlio Medaglia com a reitora Suely Vilela

O depoimento da professora foi dado no segundo dia das celebrações dos 75 anos da USP, e se encaixou à perfeição no tom geral dos eventos, marcados por reencontros emocionados, memórias de peripécias dos primeiros tempos e pelo reconhecimento de diversos setores da sociedade à importância da Universidade de São Paulo no desenvolvimento do estado e do país. “É um orgulho para a cidade de São Paulo ter a maior e melhor universidade do Brasil”, ressaltou o prefeito da capital, Gilberto Kassab, no concerto que abriu as comemorações oficiais, realizado no dia 25 de janeiro no Teatro Alfa.

Para uma platéia que ocupou todos os 1.200 lugares do teatro – entre membros da comunidade USP, convidados, autoridades e público em geral –, a Orquestra Sinfônica da Universidade executou pela primeira vez o Hino à USP, com letra do poeta Paulo Bomfim e música do maestro Júlio Medaglia. O Coro Vozes da Cidade cantou o hino, qualificado pelo maestro Benito Juarez, fundador do Coral da USP em 1967 e seu

regente titular até hoje, como “uma peça emblemática muito bonita e do agrado de todos”. O concerto teve sequência com peças de compositores como Camargo Guarnieri e Ronaldo Miranda, além do Credo, do imperador Dom Pedro I.

Desafios – Nos discursos, as autoridades salientaram alguns dos méritos da USP, sem deixar de apontar os desafios do presente e do futuro. Para o ministro da Educação, Fernando Haddad, que representou o presidente Lula, a Universidade está sintonizada com as demandas da atualidade. Uma das provas disso, afirmou, é que tem buscado uma aproximação maior da educação básica, percebendo que atacar deficiências na formação de professores e no desenvolvimento de tecnologias educacionais nos níveis iniciais do ensino também é sua missão. “Isso tem estimulado os alunos das escolas públicas a olhar a universidade pública como uma oportunidade a mais, e não como algo distante de sua realidade”, disse Haddad. O ministro fez graduação, mestrado e doutorado na USP e é professor licenciado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).



Fernando Haddad: aproximação com a educação básica

O prefeito Gilberto Kassab recordou a importância da Universidade em sua própria história familiar, lembrando que é engenheiro formado pela Escola Politécnica e que seu pai cursou a Faculdade de Medicina da USP. Já o governador José Serra disse que participava com muita satisfação das comemorações e que, quando entrou na Universidade, ela estava com apenas 26 anos, e agora completa 75. “É bem verdade que eu era o mais novo da minha turma”, A sessão foi aberta com a exibição de um vídeo institucional da USP e na composição da mesa estavam a reitora Suely Vilela, o vice-reitor Franco Lajolo, a secretária-geral, Maria Fidela de Lima Navarro, e os pró-reitores de Graduação, Selma Garrido Pimenta, de Pesquisa, Mayana Zatz, de Pós-Graduação, Armando Corbani Ferraz, e de Cultura e Extensão, Ruy Alberto Altafim. A saudação foi feita pelo diretor da Esalq, Antonio Roque Dechen. “A USP é uma universidade tão jovem que pode homenagear oito reitores que a dirigiram nos últimos trinta anos, sendo que alguns deles brincou. “Não pude concluir a Escola Politécnica, mas não por ter sido reprovado. Foi por causa do golpe militar de 1964, que me obrigou a sair do Brasil”, completou. Na época, Serra era presidente da União Nacional dos Estudantes e exilou-se no Chile. “O conjunto das universidades públicas paulistas e dos institutos de pesquisa tem dado ao estado de São Paulo muito orgulho pelas suas pesquisas de grande relevância nacional e internacional. Isso mostra o grande esforço que o estado faz para o crescimento e desenvolvimento do país”, concluiu o governador.



Adolpho Melfi: desenvolvimento

Jovem – No dia 26, o Memorial da América Latina abrigou a Sessão Solene do Conselho Universitário, também aberta para a comunidade uspiana e o público em geral. Foi o momento de reconhecer o trabalho e o papel dos fundadores e dos docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes que vêm construindo a história da USP – sem esquecer, é claro, a sociedade, “que na função contribuinte proporciona recursos econômicos às atividades universitárias”, como lembrou Fernando Penteadó Cardoso, que ingressou na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) em 1933 (antes ainda de sua incorporação pela USP) e foi homenageado simbolizando todos os alunos de pós-graduação.

Ingressaram como alunos quando a USP não tinha completado quinze anos”, apontou. Os oito ex-reitores de 1978 até hoje – Waldyr Muniz Oliva, Antônio Guerra Vieira, José Goldemberg, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, Ruy Laurenti, Flávio Fava de Moraes, Jacques Marcovitch e Adolpho José Melfi – foram homenageados com a recém-criada Medalha Armando de Salles Oliveira (governador que assinou o decreto de criação da USP, em 1934). “Fico satisfeito de ver que a cada cinco ou dez anos, nessas comemorações, a USP apresenta sempre um desenvolvimento marcado por indicadores bastante positivos. Estamos no caminho certo e daqui a 25 anos, no centenário, certamente estaremos entre as cem ou quem sabe as 60 melhores universidades do mundo”, disse Melfi – reitor na celebração dos 70 anos, em 2004 – ao Jornal da USP.



Lobo e Silva: escolha

Para o ex-reitor Lobo e Silva, passado o processo de consolidação da autonomia universitária, conquistada em 1989, “é o momento de pensar num novo impacto”. “A USP precisa escolher seu rumo entre crescer horizontalmente ou verticalmente, e saber se vai atender a todas as demandas de todas as áreas ou se vai ter a coragem de estabelecer prioridades”, afirmou ao Jornal da USP. Em sua opinião, a USP não pode ser “tudo ao mesmo tempo”. “Se se transformar em universidade de massa, abre mão de ser a formadora de pesquisadores e produtora de pesquisa de alto nível. A USP tem que ser entendida no futuro como ‘a’ universidade de pesquisa da América Latina e estar entre as 30 melhores do mundo. Essa deveria ser a meta”, acredita.

Exposição – As homenagens da sessão seguiram com a entrega de uma escultura que reproduz a Torre do Relógio aos representantes dos segmentos da academia. Além da professora Berta e de Penteadinho Cardoso, foram homenageados Paschoal Ernesto Senise (que defendeu tese de doutorado no Instituto de Química em 1942), em nome dos alunos de pós-graduação, e Marilena Pinheiro Lobo, servidora aposentada da Faculdade de Direito, em nome dos funcionários. A USP foi fundada a partir da união de escolas que já existiam e da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje FFLCH. Além dela, na sessão foram homenageadas as unidades fundadoras: Faculdade de Direito, Esalq, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Escola Politécnica, Faculdade de Odontologia e Faculdade



Exposição “USP em Obras” atrai o público no Memorial. Abaixo, a construção da Torre do Relógio e da raia de Medicina. Na sequência, receberam reconhecimento os professores Ruy Altafim e Solange Oliveira Rezende, respectivamente presidentes da Comissão de Honra e da Comissão Executiva dos 75 anos da USP. A sessão teve ainda momentos marcantes como o lançamento pelos Correios de um selo e do carimbo comemorativos do Jubileu de Diamante, além da apresentação do bastão da Universidade. Desenhado pelo

pintor, ceramista e professor José Wasth Rodrigues em 1935, o bastão nunca havia sido confeccionado. O impressionante trabalho de entalhe em cedro, que levou cerca de um mês para ficar pronto, coube a Laércio Evangelista dos Santos, funcionário do Laboratório de Modelos e Ensaios da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. “Sinto uma grande satisfação porque isso vai ficar para a história”, diz Santos. No discurso que encerrou a Sessão Solene, a reitora Suely Vilela destacou números como a formação de cerca de 213 mil graduados e 89 mil pós-graduados ao longo desses 75 anos. “Ainda assim, temos consciência de que é possível fazer mais e melhor”, afirmou.

Suely Vilela também convidou toda a comunidade a visitar a exposição “USP em Obras – A Construção da Cidade Universitária”, que reúne 60 imagens em grande formato retratando o campus do Butantã no período de 1952 a 1972. Algumas das imagens foram feitas pelo editor de fotografia do Jornal da USP, Jorge Maruta.

A exposição permaneceu no Memorial até o dia 1º de fevereiro e nas próximas semanas deve ser montada também nos campi da Universidade na capital e no interior. Em setembro, será aberta a exposição “Tesouros da USP”, que vai levar à Oca, no Parque do Ibirapuera, itens que pertencem ao acervo de museus, unidades e institutos da USP.

(Colaborou Izabel Leão)

“Aquilo que a USP nos deu ninguém avalia”, ensina professora com 71 anos de academia



Berta de Morretes: “A USP é o caminho da minha vida”

Dos 75 anos da USP, Berta Lange de Morretes é personagem presente há 71. Entrou como aluna em 1938, no então recém-criado curso de História Natural. Formada em 1941, foi nomeada professora assistente do Departamento de Botânica, hoje pertencente ao Instituto de Biociências, no qual ainda leciona. “A USP é o caminho da minha vida”, diz. Essa trajetória a levou a ser homenageada, simbolizando todos os docentes da USP, na Sessão Solene do Conselho Universitário no dia 26 de janeiro. Na cerimônia, a professora emocionou e divertiu os presentes ao contar casos como as dificuldades para entender os docentes do curso na época – todos estrangeiros, à exceção de um. “Os mais impacientes eram os italianos. Quando não entendíamos alguma coisa, o professor Ettore Onorato nos mimoseava com a expressão: ‘Ignoranti! Stupidi! Lei no distingono un pezzo di porcheria di una roccia sedimentaria!’” (algo como: “Ignorantes! Estúpidos! Os senhores não distinguem um pedaço de porcaria de uma rocha sedimentar!”), contou.

Em seus primeiros tempos na Cidade Universitária, no final da década de 1950 – quando raros eram os prédios e abundante a lama em dias de chuva –, a professora lembra que ao anoitecer os preás entravam nas salas durante as aulas. “Eu deixava um tamanco na forquilha de uma árvore no Butantã. Quando chovia, eu tirava o sapato e a meia, colocava o tamanco e subia a pé”, relata. Os ônibus, que já eram poucos, não enfrentavam as enlameadas vias do campus, e as longas distâncias tinham que ser vencidas a pé mesmo.

“Devo à USP muitas coisas que os jovens de hoje não levam em conta”, diz. “Só a capacidade de poder estudar, ter à disposição uma biblioteca e professores que atendam aos nossos pedidos... Vocês não sabem o quanto isso vale”, afirmou na cerimônia. “Tomei conhecimento disso quando fui fazer o pós-doutorado na Universidade da Califórnia em Davis (em 1960) e falei à minha orientadora que estava disposta a refazer alguma disciplina, se fosse necessário. Ela ficou espantada e disse que sua universidade aceitava até créditos de culinária para completar a grade curricular.

‘A sua universidade é muito mais exigente. Creio que se você oferecesse créditos de culinária lá te mandariam embora’, ela me disse.” A professora se orgulha de ter formado 51 alunos de pós-graduação, e defende que os mais favorecidos devem “pensar naqueles que têm menos do que nós”. Ela já ajudou nove funcionários de áreas como faxina e serventes a se formar em cursos superiores de Direito, Educação Física e Odontologia, entre outros. No momento, auxilia mais sete – “não sei se vou poder cuidar deles até o fim”, ressalta.

Para ela, quem reclama da USP o faz “de barriga cheia”. “Aqui não falta absolutamente nada. Tenho pena do alunado que picha a Universidade e de professores que falam mal dela. Eles esquecem que a evolução vem devagar e sempre. Ninguém ganhou tudo de uma vez. A gente tem que conquistar”, disse ao Jornal da USP. Antes do início da Sessão Solene no Memorial da América Latina, a professora aguardava numa sala destinada aos homenageados, onde conversou com a reportagem do Jornal da USP. “Estou procurando dar à USP de volta aquilo que ela me deu”, dizia, quando o ex-reitor Adolpho Melfi aproximou-se para cumprimentá-la. “Aquilo que a USP nos deu ninguém avalia”, comentou a professora com o ex-reitor, que respondeu: “É verdade, mas a senhora já deu muito também.” A USP certamente concorda e agradece.

Hino à USP

Neste chão de São Paulo o universo
Do Saber faz seu campus de glória,
E da USP nasceram caminhos
Moldadores dos rumos da
História.
Das sementes lançadas por mãos,
Sábias mãos professando alvoradas,
Vão surgindo colheitas de auroras
E nascendo esperanças plantadas.
Deste chão das bandeiras de outrora
Partem hoje outros passos eternos,

E a cultura, bandeira de agora,
Vai plasmando horizontes modernos.
Dom de amor Faculdades formando
Vocações, nosso lar, nossa luz,
Mocidade que o tempo renova
Nesses templos que o sonho conduz.
Das sementes lançadas nos rumos
Surge a USP e seu dom de ensinar,
Gerações se sucedem no ideal,
Glória à USP e ao condão de semear.

Letra de Paulo Bomfim
Música de Júlio Medaglia